

# "PENSO EM TI, MURMURO O TEU NOME; NÃO SOU EU: SOU FELIZ". UM ESTUDO SOBRE A ALTERIDADE N'O PASTOR AMOROSO

Ana Patrícia Silva de SOUSA<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho aborda o tema da alteridade na poesia do heterónimo pessoano, Alberto Caeiro, mais precisamente nos versos d'*O Pastor Amoroso*. Esses poemas retratam um episódio amoroso em que o *ego*, antes isolado, encontra o *alter* e vive a experiência da alteridade, tornando-se num *alter ego*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alteridade. Identidade. Metafísica. Poesia. Amor.

*Os outros também são românticos,  
Os outros também não realizam nada, e são ricos e pobres,  
Os outros também levam a vida a olhar para as malas a arrumar,  
Os outros também dormem ao lado dos papéis meio compostos,  
Os outros também são eu.*<sup>2</sup>

*...connaître l'autre et soi est une seule et même chose.*<sup>3</sup>

Descobrir o *outro* é descobrirmo-nos a nós próprios. Os contornos do nosso corpo não limitam as nossas peculiaridades idiossincráticas; não somos seres estranhos a tudo o que escapa à esfera do *eu* — o *eu* é o *outro*, o *outro* é o *eu*.<sup>4</sup>

---

1 Mestre em Estudos Clássicos, UA, Departamento de Línguas e Culturas, Aveiro, Portugal, sousafamilia@hotmail.com

2 PESSOA, s.d., p. 221.

3 TODOROV, 1989, p. 27

4 Note-se que estas noções se baseiam em Todorov (1990, p.11), que inter-relaciona, estreitamente, o eu e o outro. Para ele, encontram-se “apenas separados pelo [meu] ponto de vista segundo o qual eles estão todos lá e só eu estou aqui”. Acrescenta, ainda, que o outro pode assumir duas definições: a de ideia abstracta sobre outro indivíduo em geral, ou a de existência de um indivíduo concreto.

O encontro com o *tu* funda a identidade do *eu*, na medida em que, frente ao *outro*, se interroga sobre as suas características naturais e se descentraliza em termos individuais, sociais e étnicos. Esse dialogismo permite, assim, o reconhecimento de *si* e do *outrem*, cuja troca de informações ou vivências diferentes enriquece ambos e os influencia mutuamente. O constante e variado contacto entre o *eu* e o *outro*, leva a que o *ego* acumule vários *altri*, e vice-versa. Aliás, para os *outros*, um indivíduo é múltiplo, podendo ser um filho, um pai, um amigo, ou um colega, entre outras facetas. O conhecimento da alteridade põe em prática a essência social do ser humano:

Todo homem é um *ego* e todo *ego*, para existir, precisa de um *alter*, que é, ele mesmo, um *ego* do qual o primeiro é o *alter*. No total, trata-se, portanto, de um *alter ego*.<sup>5</sup>

A consciência de que o *outro* é o reflexo do *eu* ou de que, para o *tu*, o *eu* é um *alter* põe a ênfase no estudo das relações humanas como um meio para conhecer o homem, nas suas múltiplas dimensões (pessoais, sociais, étnicas, psicológicas...), e para compreender as leis e comportamentos socioculturais.

Essa necessidade do *outro* é natural ao ser humano. Mal nasce, a criança está inserida num mundo que invade e pelo qual é invadida, iniciando um processo de socialização e aprendizagem na exterioridade, durante o qual se modifica e cresce. Torna-se, então, uma amálgama, uma junção do *eu*-natural com o *eu*-aprendido. O *eu*-natural constitui as nossas características naturais, que nascem com o indivíduo, enquanto o *eu*-aprendido significa tudo aquilo que o *eu* apreende do *outro*, da sociedade.

A educação passa a desempenhar um papel fundamental no progresso da humanidade. Muitos foram os homens que questionaram o modo de educar, uns apoiaram a modernização e o cosmopolitismo da aprendizagem — o *eu*-aprendido; outros viram na civilização uma depravação do mundo e afastamento do verdadeiro *eu* — o *eu*-natural. Na poesia, não há quem seja tão obcecado por esta dicotomia como o heterónimo pessoano, Alberto Caeiro.

---

<sup>5</sup> Tout homme est un *ego* et tout *ego*, pour exister, a besoin d'un *alter*, qui est lui-même un *ego* et dont le premier est l'*alter*. Au total il s'agit donc d'un *alter ego* (GROUX; PORCHER, 2003, p. 32)

Nascido da criatividade de Fernando Pessoa, AC<sup>6</sup> exemplifica a capacidade racional do *eu* se desdobrar em vários, em *outros* — os heterónimos.<sup>7</sup> Cada uma dessas personagens ficcionais dramatiza um papel que lhe é inerente e cuja interação teatraliza um enredo enovelado de pensamentos e relações. Torna-se deveras espantoso como a imaginação de um só indivíduo inventa o mestre — Alberto Caeiro — de todo um sistema filosófico e o ramifica, e complexifica, por meio de uma variedade de discípulos — Fernando Pessoa, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, entre outros.

Ao alto, num canto de uma cómoda, nasce AC, como por inspiração divina. De um ímpeto, foram escritos trinta e quatro poemas deste poeta bucólico de índole complicada. Envolto de misticismo, o aparecimento do mestre ao discípulo ortónimo parece profético, como se estivesse destinado ou como se fosse aguardado. Assim, o 8 de março de 1914 é o dia “triumfal”, único e absoluto, em que renasceu o deus “Pã”, “o grande Libertador”, “o descobridor da Natureza”.<sup>8</sup>

---

6 Esclarece-se que a sigla AC corresponde a Alberto Caeiro, usada para facilitar a referência ao autor que, por constituir o objecto de estudo, é nomeado ao longo deste trabalho.

7 Considera-se não ser relevante debater a questão da heterónima neste trabalho. De facto, e apesar de a heterónima estar intimamente relacionada com o tema da alteridade, pretendemos, no entanto, cingir o nosso estudo à análise literária da poesia caeiriana, concretamente aos poemas d’*O Pastor Amoroso*. Contudo, apresenta-se as palavras de Jorge de Sena (2000, p. 146-147) sobre este assunto: “A tão discutida questão dos «heterónimos», há que colocá-la muito diversamente do que tem sido: não nos interrogarmos sobre se são ou não são ele, ou em que medida corresponderam a um Pessoa verdadeiro e sincero. Eles, como tudo o que fez e viveu o homem Fernando Pessoa, existiram e existem realmente (alguns até existirão hoje muito mais do que para ele chegaram a existir): quem não existiu foi ele mesmo. E não há que procurar-lhes uma referência individual que foi, na existência deles todos, uma mera circunstância. Ainda quando investigações minuciosas do estilo de cada um nos provem que não são tão diversos uns dos outros quanto aparentam, e que há, entre eles (a não ser em casos extremos, em que se imitaram excessivamente a si mesmos), um denominador muito comum que seria «ele», nem mesmo assim provaríamos a existência dele como personalidade, porquanto estaríamos tirando a prova, pelo absurdo, de que ele lhes cedera de si mesmo o que lhe cabia ser. Ele não foi um «eu», mas um «anti-eu». [...] Como foi possível um homem levar tão longe a negação de si mesmo? Que negação de que si mesmo?” Sobre esta questão, aconselha-se, ainda, o estudo de António Lourenço (1995), intitulado *Identidade e alteridade em Fernando Pessoa e António Machado: Álvaro de Campos e Juan de Mairena*.

8 Explique-se que os vocábulos e expressões, em itálico, são utilizadas, no caso de “triumfal”, por Fernando Pessoa na carta sobre a génese dos heterónimos, no caso dos epítetos “Pã” e “grande Libertador”, por Ricardo Reis no prefácio à poesia do mestre e, por fim, no caso de “descobridor da Natureza”, por o próprio AC que assim se auto-apelidou. Note-se que a antonomásia de “descobridor da Natureza” é traduzida da expressão latina “rerum inuenter”, que já tinha sido atribuída a um outro grande filósofo grego, Epicuro, por o seu discípulo latino, Lucrécio. Há, aliás, estudos que defendem a influência da filosofia epicurista na poesia caeiriana, designadamente: *Alberto Caeiro “descobridor da Natureza?”*, de Maria Helena Nery Garcez (1985); e a tese de mestrado *Influências lucrecianas na poesia de Alberto Caeiro*, de Ana Sousa (2005).

Da sua fisionomia, realça-se a candura e a brandura, características estas consentâneas com a clareza dos seus versos e com a tranquilidade dos seus intentos existenciais. Ele escreve, naturalmente, o que sente, sem rasura, nem rima. Tal qual a sacerdotisa é o veículo das palavras oraculares de Apolo, AC entremeia o mundo natural e o mundo humano. Ele é “o intérprete da Natureza”<sup>9</sup> somente para que os homens compreendam a sua não-linguagem. Sincero com as suas sensações, transcreve-as, para a linguagem humana, conforme as percebe, resultando, deste exercício de escrita, uma maneira de poetizar anti-poética, por lhe faltar a subjectividade e a interioridade que a costumam caracterizar.<sup>10</sup>

Da sua biografia, nada se sabe — a vida do mestre é a sua poesia. Nada aconteceu, nem factos, nem episódios.<sup>11</sup> Mas, basta lê-lo para que o vazio desta afirmação adquira uma plenitude de sentidos. Há, contudo, uma informação caricata de que o mestre detinha poucos estudos e parca cultura. Um contra-senso que se justifica pelos seus propósitos doutrinários, muito embora AC nem deseje ser um teorizador, nem poeta, nem sequer o mestre — quem lhe dera a simplicidade das coisas, quem lhe dera ser um “carro de bois” ou “o pó da estrada”.<sup>12</sup> Defini-lo como um cidadão no campo mostra a procura dessa simplicidade, dessa pureza natural.

Da sua morte, acredita-se que, *in extremis*, fechou os olhos e dormiu. Era de saúde frágil e morreu jovem, de tuberculose. Aliás, e perdoem o absurdo da afirmação, AC nasceu quasi-morto. Apesar de ter sido criado em 1914, contam-se os anos de 1889 e 1915, como as datas de nascimento e de

9 CAEIRO, 2001, p. 66: “Porque escrevo para eles me lerem sacrifico-me às vezes/ À sua estupidez de sentidos... / Não concordo comigo mas absolvo-me/ Porque não me aceito a sério,/ Porque só sou essa cousa odiosa, um intérprete da Natureza,/ Porque há homens que não percebem a sua linguagem,/ Por ela não ser linguagem nenhuma...”

10 Explícite-se que, para Caeiro, “a linguagem dos homens impossibilita a visão real das coisas, pois atribui nomes, embebidos em significados abstractos e em subjectividade. A realidade não tem de ser pensada, mas sentida. Atribuir um nome, ou seja um significado, às coisas é corromper-lhes a essência: as coisas completam-se pela sua existência.” (SOUSA, 2005, p. 47)

11 Conforme diz Ricardo Reis, no seu prefácio, “a vida de Caeiro não pode narrar-se pois que não há nela de que narrar. Seus poemas são o que houve nele de vida. Em tudo o mais não houve incidentes, nem há história”. (apud PESSOA, 1994, p. 25)

12 CAEIRO, 2001, p. 49; 51: “Quem me dera que a minha vida fosse um carro de bois/ Que vem a chiar, manhaninha cedo, pela estrada,/ E que para de onde vem volta depois, / Quase à noitinha pela mesma estrada”; “Quem me dera que eu fosse o pó da estrada/ E que os pés dos pobres me estivessem pisando...”

morte, respectivamente. Este facto marca uma vida, ou poesia, fria, distante e sofrida.

Da sua obra, catalogam-se os muitos poemas sob os títulos de *O Guardador de Rebanhos*, *O Pastor Amoroso* e *Poemas Inconjuntos*. Por não ser sua ambição ser poeta — compor é a maneira de estar sozinho<sup>13</sup> —, os seus versos confirmam a (aparente) bonomia do mestre ao serem redigidos com as ideias encostadas e sem serem limados artisticamente.

Escritos, em grande parte, num dia de inspiração ímpar, os poemas d’*O Guardador de Rebanhos* são considerados o auge da filosofia caeiriana. Neles, apresenta-se como um pastor que nunca guardou rebanhos. Assim, o primeiro verso da obra caeiriana mostra o temperamento antitético e paradoxal da filosofia da não-filosofia do mestre. Afinal, ele não é um guardador de rebanhos — conforme o título desse conjunto —, mas é como se fosse. Imagina-se, então, um velho<sup>14</sup> e rude aldeão que contempla o sossego da Natureza mas, aos poucos, entrevê-se que esta serenidade flutua na superfície, como a brisa ligeira a dar nas folhas. Na raiz, no íntimo caeiriano, há, conquanto, uma rebeldia intelectual que, partindo de preconceções, axiomas e tautologias, (des)reconstrói os fundamentos da sociedade, da tradição e do conhecimento humano. Fá-lo com uma tal naturalidade que o leitor é convencido pela clareza das suas palavras certas, sem questionar as verdades do mestre. E, assim, sob a máscara da simplicidade, poetiza os fundamentos filosóficos e os preceitos éticos de uma doutrina anti-metafísica – o sensacionismo. Para ele, o pensamento distorce a visão humana — “pensar é estar doente dos olhos”<sup>15</sup> — e apenas a percepção sensorial é a fonte de informação fidedigna sobre a realidade, pelo contacto directo e imediato com a exterioridade. Ele é o poeta das sensações sem consciência de que as sente — “procuro dizer o que sinto/ sem pensar em o que sinto” —, ele é o pagão que objectiva a realidade — “a Natureza é partes sem um todo” —, ele é o mestre que, subversivamente, ensina a desaprender — “procuro

---

13 CAEIRO, 2001, p. 22: “Não tenho ambições nem desejos./ Ser poeta não é uma ambição minha./ É a minha maneira de estar sozinho.”

14 O tom autoritário, sério e frio envelhece a poesia caeiriana, por isso, ao lê-la, fica a sensação de que o autor é um sábio ancião quando, de facto, sabemos pela sua biografia que AC morreu ainda jovem.

15 CAEIRO, 2001, p. 24.

despir-me do que aprendi,/ (...) desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,/ mas um animal humano que a Natureza produziu”.<sup>16</sup> Tal torna-o um ascético que abdica do pensamento, da cultura, da sociedade, da memória e das ambições, para alcançar a ataraxia alheada das sensações. Isolado dos *outros*, limitado à realidade aparente e desnudado das aprendizagens — incluindo a linguagem —, AC mostra uma obcecação sensista e nominalista e, até, considera antinaturais palavras como interior, significado ou mistério. Só existe superfície, só existe significante, só existe o que se vê, só existe o que existe. E, deste modo, ostraciza o Homem como ser racional que, por esta particularidade, não é mais ou menos natural, mas é, radicalmente, antinatural. Aliás, segundo o próprio, é natural que não se pense<sup>17</sup>. Dá-se, então, a reconciliação do homem moderno e civilizado com a Natureza, como que um regresso à pureza primitiva da existência humana. E ainda, igual à tona serena do rio, ao se despir das aprendizagens, ao satirizar a arte de rimar e ao desarrumar a maneira de pensar, o (pseudo) pastor parece ter atingido um estado de superioridade entre as flores e as árvores que sugere a tranquilidade dos deuses no *intermundia* de Lucrécio.<sup>18</sup> Por tudo isto, ele está só — como ninguém esteve — no silêncio, no vazio do ser: é um poeta anti-poeta, um metafísico anti-metafísico, um eu anti-eu.

Como pode esta figura ser o mestre de todos? Que ensinamentos tem para os *outros* um exilado, sem estudos e sem cultura? Afinal, trata-se de um mestre que professa o nada — “bendito seja eu por tudo quanto não sei” — a ninguém — “quem sabe quem os [versos] lerá?/ quem sabe a que mãos irão?”<sup>19</sup>

Ora, tal como “há bastante metafísica em não pensar em nada”,<sup>20</sup> também há, analogamente, muito estudo para aprender a desaprender. Aliás, para

16 CAEIRO, 2001, p. 82; 84; 82-83.

17 CAEIRO, 2001, p. 29.

18 Explique-se que, para Lucrécio, fiel discípulo epicurista, os deuses habitam num lugar inter-cósmico, a que chama *intermundia*. Aí, “vivem num ambiente de tranquilidade serena, inalterável e eterna, o que é incoadunável com a preocupação em infligir castigos ou em atribuir benesses aos mortais. Acaso intervissem nos afazeres humanos, quebrar-se-ia esse clima harmonioso e calmo, logo é impossível haver tal providência por parte dos deuses.” (SOUSA, 2005, p. 97-98)

19 CAEIRO, 2001, p. 61;85.

20 CAEIRO, 2001, p. 70: “Acho tão natural que não se pense/ Que me ponho a rir às vezes, sozinho, / Não sei bem de quê, mas é de qualquer coisa/ Que tem que ver com haver gente que pensa...”

o compreender são precisos grandes conhecimentos filosóficos, gnosiológicos e culturais. É pois, tal a violência submersa do rio, pela forte determinação para o indefinido, para o ser inferior e para o não-ser — tão inteiramente — que AC acaba por se converter, absurdamente, no mestre. Não esqueçamos que é AC quem traz o “Universo ao Universo”.<sup>21</sup> Ele é “como a voz da terra, que é tudo e ninguém”.<sup>22</sup>

A figura de um simples guardador de rebanhos identifica-o com um homem da terra e acresce-lhe a autoridade de falar sobre a Natureza. Aplica o seu poder de um modo determinado, rigoroso e violento para quem defende visões opostas à sua. Seguro das suas sensações, satiriza, sem piedade, outras formas de ser e de pensar. Actuando desta forma, parece ser feliz na paz estoica que persegue nos campos, embora duvidemos da autenticidade do pastor quanto a este assunto. Isto porque, no nosso parecer, esse rosto forte disfarça uma alma de poeta solitária e triste, ainda que declare que se deita na erva e é feliz porque sente a realidade. Nas profundezas do seu ser, há, quiçá, a consciência de que não tornou real as suas palavras: AC anulou-se, *coisificou-se* para se curar da doença da racionalidade, mas acaba por tropeçar sem querer no pensamento,<sup>23</sup> e a missão superior de trazer a realidade à realidade não passa de uma dialéctica inútil — cada verso seu é um conceito, por mais que dissimule e repudie tal ideia.<sup>24</sup> Velho, triste e de mau humor, AC é o Inverno que desesperou à espera da Primavera.

---

21 CAEIRO, p. 83: “Ainda assim, sou alguém./ Sou o descobridor da Natureza./ Sou o Argonauta das sensações verdadeiras./ Trago ao Universo um novo Universo/ Porque trago ao Universo ele-próprio.”

22 PESSOA, 1994, p. 160.

23 Referencie-se os quatro poemas d’*O Guardador de Rebanhos*, apresentados como tendo sido escritos na doença: “As quatro canções que se seguem/ Separam-se de tudo o que penso, /Mentem a tudo o que eu sinto,/ São do contrário do que eu sou...”(CAEIRO, 2001, p. 48)

24 Tendo em conta esta afirmação, não há apenas a sátira do conhecimento e dos outros em AC, mas também uma forte auto-sátira de que fala Garcia (1985, p. 345): “a auto-sátira realiza-se por vezes graças ao autoritarismo arbitrário dos enunciados: ‘sou do tamanho do que vejo’; outras vezes mediante a transposição dum certo hiperrealismo para um domínio onde não faz sentido: ‘Tive um sonho como uma fotografia’; outras vezes por um atributo que finge eliminar a sátira: ‘Graves como convém a um deus e a um poeta’, enquanto jogam ‘as cinco pedrinhas’; outras vezes pela negação duma forma verbal afirmativa graças a uma comparação absurda: ‘Comovo-me como a água corre’.”

Mas, eis que algo acontece (ou se esquece<sup>25</sup>): o mestre apaixonou-se. Dá-o a conhecer nos oito poemas de *O Pastor Amoroso*, os dois primeiros datados de 6 de julho de 1914 e os restantes a título póstumo.<sup>26</sup> Amar fê-lo compor dos mais belos e sentidos poemas da poesia bucólica, num estilo simples de quem está a viver o entusiasmo da paixão:

Quando eu não te tinha  
 Amava a Natureza como um monge calmo a Cristo...  
 Agora amo a Natureza  
 Como um monge calmo à Virgem Maria,  
 Religiosamente, a meu modo, como dantes,  
 Mas de outra maneira mais comovida e próxima.  
 Vejo melhor os rios;  
 Sentado a teu lado reparando nas nuvens  
 Reparo nelas melhor...  
 Tu não me tiraste a Natureza...  
 Tu não me mudaste a Natureza...  
 Trouxeste-me a Natureza para ao pé de mim.  
 Por tu existires vejo-a melhor, mas a mesma,  
 Por tu me amares, amo-a do mesmo modo, mas mais,  
 Por tu me acolheres para te ter e te amar,  
 Os meus olhos fitaram-na mais demoradamente  
 Sobre todas as cousas.

Não me arrependo do que fui outrora  
 Porque ainda o sou.  
 Só me arrependo de outrora te não ter amado.<sup>27</sup>

AC rende-se à visão do amor, sem arrependimentos, a não ser o de não ter amado antes. Continua o mesmo, a Natureza continua a mesma, apenas aumenta a intensidade com que percebe as coisas – mais emocionada, mais próxima, mais demorada. Agora, vê melhor e ama mais a

---

25 Segundo o discípulo Ricardo Reis, “o mesmo breve episódio, improficuo e absurdo, que deu origem aos [...] poemas de *O Pastor Amoroso*, não foi um incidente, senão, por assim dizer, um esquecimento.” (apud PESSOA, 1994, p. 25)

26 Esta datação torna-se deveras significativa, devido à evolução dos sentimentos do poeta: primo de euforia nos dois iniciais, segundo de desilusão nos restantes, como será aprofundado *supra*.

27 CAEIRO, 2001, p. 91.



Natureza, por existir um *tu* a quem ele devotou, “religiosamente”,<sup>28</sup> o seu coração enamorado. O pastor já não está sozinho nos campos: o *tu* responde aos sentimentos do *eu*. Tal facto despertou um novo culto à Natureza: sente-a com o sentimento, já não com os sentidos. O leitor sente-se traído, retirada está a filosofia do “sinto, ergo sum” e substituída, como se nada se tratasse, por “amo, ergo sum”. Vende a Verdade por trinta moedas. Ele tenta atenuar os efeitos do amor — porque ainda é —, mas está diferente no que tem de mais íntimo, no seu modo de ver e de ser. Encontrou o *outro* e é feliz:

Está alta no céu a lua e é primavera.  
Penso em ti e dentro de mim estou completo.

Corre pelos vagos campos até mim uma brisa ligeira.  
Penso em ti, murmuro o teu nome; não sou eu: sou feliz.

Amanhã virás, andarás comigo a colher flores pelos campos,  
E eu andarei contigo pelos campos a ver-te colher flores.

Eu já te vejo amanhã a colher flores comigo pelos campos,  
Mas quando vieres amanhã e andares comigo realmente a colher flores,

Isso será uma alegria e uma novidade para mim.<sup>29</sup>

Cresce o estado de euforia amorosa. Chegou a Primavera, estação do renascimento, do desabrochar e do amor. Ao luar das noites primaveris, o poeta pensa na amada e sente-se completo por dentro. A estranheza desta afirmação reside no facto de contrariar a sua filosofia do exterior, do fora. Rebentou um *outro* AC, inverso a ele próprio. O tom das suas palavras rejuvenesceu, como se tivessem tirado o peso da disciplina que o prendia e impedia de existir plenamente. Está cego de amores, cego dos sentidos: nos dias em que está no campo a sentir a Natureza na face, pensa na amada e murmura o nome dela ao vento. Deixou de ser ele, sem dúvida — AC pensa e é feliz assim. Aban

---

28 A propósito deste advérbio de modo, registre-se a seguinte ideia de Garcez (1985, p. 131): “se Caieiro, por um lado, dessacraliza a visão da Natureza, recusando-se a vê-la na qualidade de criatura, de propriedade divina e de sinal de Divindade, por outro lado, sua visão panteísta do mundo é uma forma de sacralizá-lo. Afinal há um misticismo em Caieiro que é mais complexo do que o ‘misticismo da objectividade’.”

29 CAEIRO, 2001, p. 92.

dona o presente das sensações, porque amanhã deseja que ela o acompanhe pelos campos e, como ele, colha flores. Até sonha acordado com esse cenário. Tudo isto é estranho ao pastor contemplativo e solitário, agora mais activo ao interagir com o *outro* e fazendo algo, mesmo que tão natural (e romântico) como o acto de apanhar flores. Estrangeiro a ele próprio, AC parece ter emigrado da sua alma, esquecido de quem era, por ter conhecido o *outro*, como se tivesse sofrido um choque cultural, com consequências explosivas nele por estar (aparentemente) no grau zero da cultura. Já não é vazio, mas cheio, completo. Agora, há uma “coisa nova” no perfume das flores:

Agora que sinto amor  
 Tenho interesse nos perfumes.  
 Nunca antes me interessou que uma flor tivesse cheiro.  
 Agora sinto o perfume das flores como se visse uma coisa nova.  
 Sei bem que elas cheiravam, como sei que existia.

São coisas que se sabem por fora.  
 Mas agora sei com a respiração da parte detrás da cabeça.  
 Hoje as flores sabem-me bem num paladar que se cheira.  
 Hoje às vezes acordo e cheiro antes de ver.<sup>30</sup>

Está perdido o embalo romântico e a ilusão dos seus olhos. Nem uma vez se refere directamente à amada, ao *tu*, apenas fala no amor que sente. Centrado em si, regressa à obcecação sensacionista comparando-se ao modo como sabia dantes e como sabe agora. É que agora os sentidos baralham-se, ora cheira com o paladar, ora cheira antes de ver, ora respira “da parte detrás da cabeça”. Está virado do avesso por sentir amor. A consciência disso leva a substituir o entusiasmo, dos poemas iniciais, por uma ténue dor, que se manifesta ciciosamente:

Todos os dias agora acordo com alegria e pena.  
 Antigamente acordava sem sensação nenhuma; acordava.  
 Tenho alegria e pena porque perco o que sonho  
 E posso estar na realidade onde está o que sonho.  
 Não sei o que hei-de fazer das minhas sensações,  
 Não sei o que hei-de ser comigo.  
 Quero que ela me diga qualquer coisa para eu acordar de novo.

---

30 CAEIRO, 2001, p. 93.

Quem ama é diferente de quem é.  
É a mesma pessoa sem ninguém.<sup>31</sup>

Estar do avesso é próprio do amor, afinal “o amor é fogo que arde sem se ver”. AC não foge à ambivalência do sentimento amoroso. Surge, aqui, confuso entre a alegria e a pena, entre o sonho e a realidade. Mas, a tristeza alarga-se. Algo parece ter morrido: o mestre não sabe como ser. Sente-se diferente, vazio, e precisa de renascer. Quer que a amada lhe diga o que quer que seja, talvez só para sentir novamente aquele primeiro fulgor da paixão. Longe, fora de vista, está esse estado de alma. O tom de diálogo de um *eu* para um *tu* calou-se e cedeu a voz à distância indirecta do *ela*. É dessa *ela* que o pastor amoroso aguarda uma espécie de sinal que se faz esperar. Porém, mesmo na ausência dela, o pastor não se sente só:

O amor é uma companhia.  
Já não sei andar só pelos caminhos.  
Porque já não posso andar só.  
Um pensamento visível faz-me andar mais depressa  
E ver menos, e ao mesmo tempo gostar bem de ir vendo tudo.  
Mesmo a ausência dela é uma coisa que está comigo.  
E eu gosto tanto dela que não sei como a desejar.  
Se a não vejo tremo, não sei o que é feito do que sinto na ausência dela.  
Todo eu sou qualquer força que me abandona.  
Toda a realidade olha para mim como um girassol com a cara dela no meio.<sup>32</sup>

É que o amor acompanha-o e já não pode andar só pelos campos. Esta paixão enraíza-se e continua a fazê-lo oscilar de um pólo para o outro: sente na rapidez do imediato ou aprecia ao pormenor o que vai vendo; está sozinho e acompanhado; ama-a e não sabe como a querer. Sem ela, perde a firmeza e vê-a por todo lado, até no meio de um girassol. É deveras significativa a referência ao girassol para explicar os efeitos do amor no pastor, uma vez que se trata da flor que usou para simbolizar o seu modo de ver a realidade nos versos d’*O Guardador de Rebanhos*.<sup>33</sup> A forma circundante, o

---

31 CAEIRO, 2001, p. 94.

32 CAEIRO, 2001, p. 95.

33 CAEIRO, 2001, p. 24: “O meu olhar é nítido como um girassol./ Tenho o costume de andar pelas estradas/ Olhando para a direita e para a esquerda,/ E de vez em quando olhando para trás.../ E o que vejo a cada momento/ É aquilo que nunca antes eu tinha visto,/ E eu sei dar por isso muito bem...”

núcleo negro e cor viva das pétalas lembram um olho humano que observa as ervas, as árvores e os rios, girando consoante a necessidade de luz, numa passividade e serenidade contemplativas. Ao rodar, percepçiona, nova e instantaneamente, a realidade a cada movimento. O girassol é mais do que paisagem, é o olhar da paisagem, por vezes clarividente como as suas cores vivas, outras vezes cego como o escuro do núcleo, semelhante aos altos e baixos da vida, ou seja, no caso de AC, oscilando entre o ser natural e o ser doente. Agora, por amar, o pastor está doente dos sentidos e, inversamente, é a realidade, representada pelo girassol, que o fita. E assume-se consciente deste revés:

Passei toda a noite, sem saber dormir, vendo sem espaço a figura dela  
 E vendo-a sempre de maneiras diferentes do que a encontro a ela.  
 Faço pensamentos com a recordação do que ela é quando me fala,  
 E em cada pensamento ela varia de acordo com a sua semelhança.  
 Amar é pensar.  
 E eu quase que me esqueço de sentir só de pensar nela.  
 Não sei bem o que quero, mesmo dela, e não penso senão nela.  
 Tenho uma grande distração animada.  
 Quando desejo encontrá-la,  
 Quase que prefiro não a encontrar,  
 Para não ter que a deixar depois.  
 E prefiro pensar dela, porque dela como é tenho qualquer medo.  
 Não sei bem o que quero, nem quero saber o que quero.  
 Quero só pensar ela.  
 Não peço nada a ninguém, nem a ela, senão pensar.<sup>34</sup>

Uma noite sem dormir e eis que surge a epifania: “amar é pensar”. Confessa-se distraído – de tanto pensar nela, esquece-se de sentir – e diz que não sabe o que quer – se a deseja ou não encontrar. Com o medo de a enfrentar, o pastor refugia-se no pensamento: só quer pensá-la. Isolado por razões adversas d’*O Guardador*, parece entregar-se a uma melancolia profunda e desvanece-se numa atitude abúlica de que nada importa, “senão pensar”. Deste modo, evade-se da realidade na tentativa de fugir à sua crueza e aliviar o seu sofrer. Está, pensativamente, doente.

Mas, por que se esconde o poeta? Por que está ela distante? Por que demora o sinal dela? A todas estas questões há uma resposta, triste e avassaladora:

---

34 CAEIRO, 2001, p. 96.

Talvez quem vê bem não sirva para sentir  
E não agrade por estar muito antes das maneiras.  
É preciso ter modos para todas as cousas,  
E cada cousa tem o seu modo, e o amor também.  
Quem tem o modo de ver os campos pelas ervas  
Não deve ter a cegueira que faz fazer sentir.  
Amei, e não fui amado, o que só vi no fim,  
Porque não se é amado como se nasce mas como acontece.  
Ela continua tão bonita de cabelo e boca como dantes,  
E eu continuo como era dantes, sozinho no campo.  
Como se tivesse estado de cabeça baixa,  
Penso isto, e fico de cabeça alta  
E o dourado sol seca as lágrimas pequenas que não posso deixar de ter.  
Como o campo é grande e o amor pequeno!  
Olho, e esqueço, como o mundo enterra e as árvores se despem.

Eu não sei falar porque estou a sentir.  
Estou a escutar a minha voz como se fosse de outra pessoa,  
E a minha voz fala dela como se dela é que falasse.

Tem o cabelo de um louro amarelo de trigo ao sol claro,  
E a boca quando fala diz cousas que não há nas palavras.  
Sorri, e os dentes são limpos como pedras do rio.<sup>35</sup>

Vagava desde o terceiro poema, uma amargura muda, agora, vociferada: AC amou mas não foi amado. O porquê de não ser correspondido desconhece-o. Talvez porque quem vê não sabe como amar. Ele que vê a Natureza como ela é, por fora, não sabe a visão do amor, que sente por dentro. É com a cabeça alta, embora com lágrimas, que o pastor retorna ao isolamento dos campos. Tinha andado cabisbaixo, iludido, e agora, no fim, vê o quanto o amor é pequeno em relação ao campo. Constata-o com lágrimas que o sol seca. A imagem do sol a recebê-lo e a acarinhá-lo lembra uma outra do filho que regressa a casa dos pais, onde se refugia depois de magoado pelo mundo. Só que volta, mudado, à mesma Natureza, como que esquecido dele próprio naquele modo de vida antigo, ou como se fosse outra pessoa que ainda se mantém presa à beleza atraente da amada. É penoso, para AC, abandonar o pensamento da felicidade amorosa, mas ergue-se, sofrido, para a realidade:

---

35 CAEIRO, 2001, p. 97.

O pastor amoroso perdeu o cajado,  
 E as ovelhas tresmalharam-se pela encosta,  
 E, de tanto pensar, nem tocou a flauta que trouxe para tocar.  
 Ninguém lhe apareceu ou desapareceu... Nunca mais encontrou o cajado.  
 Outros, praguejando contra ele, recolheram-lhe as ovelhas.  
 Ninguém o tinha amado, afinal.  
 Quando se ergueu da encosta e da verdade falsa, viu tudo:  
 Os grandes vales cheios dos mesmos vários verdes de sempre,  
 As grandes montanhas longe, mais reais que qualquer sentimento,  
 A realidade toda, com o céu e o ar e os campos que existem,  
 E sentiu que de novo o ar lhe abria, mas com dor, uma liberdade no peito.<sup>36</sup>

O coração de AC está despedaçado, sem remedeio. O que lhe aconteceu é mais do que um *chagrin d'amour* adolescente, o que lhe aconteceu dilacerou-lhe as entranhas.<sup>37</sup> O tom confessional revela a dor sofrida que torna o mestre mais humano do que qualquer um. Um pastor sem cajado é um homem sem o apoio das suas certezas, um pastor sem ovelhas é um homem sem o seu modo de vida. Curvou-se perante o amor, mas aquele *outro* não lho retribuiu. Sozinho por amar, perdido por pensar, nunca mais voltou a ver claramente como dantes, pois perdeu definitivamente o cajado. Mas, mesmo sem ele, ergue-se da encosta e apercebe-se de que a Natureza continua a mesma, confirmando que os campos são mais reais do que qualquer sentimento. A terra é maior e o amor menor. É então que respira um novo ar que lhe liberta o peito, ainda que dolorosamente como se de um parto se tratasse e fosse o nascituro que inspira pela primeira vez.

Conquanto, trata-se de um nascimento com um fim anunciado, pois inicia um caminho de auto-degeneração que perpassa *Os Poemas Inconjuntos* até que a morte do mestre surge como a única solução para o salvar do paradoxo em que se torna a sua poesia, a sua vida. Após a experiência amorosa e a abertura ao *outro*, AC tenta um regresso ao absoluto do mundo natural, mas, viciado no pensamento, compõe poemas errantes nos bastidores da subjectividade.

O amor é, portanto, um ponto de viragem na poesia do mestre. Este sentimento desloca para o *outro* a capacidade de fazer feliz o *eu* e o pastor

36 CAEIRO, 2001, p. 98.

37 Informe-se que este poema foi escrito após o rompimento de Fernando Pessoa e Ofélia, em julho de 1930.

esquece a felicidade estóica dos campos, sujeito apenas a si mesmo. Amar é depender do *outro* e colocar em mãos alheias a nossa felicidade. AC arriscou a paz e o não-sofrimento dos campos por algo que julgava um bem superior, traindo a Natureza e o seu modo de ver para o alcançar. Menos natural, já não está isolado mas, ao contrário, é um ser social que, pelo contacto com o *outro*, se torna um *alter*. Destituído do ser original, torna-se no que critica severamente: um doente dos olhos que tem sonhos de felicidade e se distrai da simplicidade da percepção sensorial. Talvez tivesse errado, talvez o amor não lhe estivesse destinado. A vida pregou-lhe uma partida, afinal não é certa e segura como os seus sentidos. Jamais voltou a ser quem era e o seu retrocesso é derrotado por ele próprio. Na vida, nada é certo – esta é uma verdade caeiriana. É tão humano como qualquer um de nós: vive na casualidade dos acontecimentos, ora acertando, ora errando e cometendo exageros, na procura da felicidade.

A sua poesia mostra duas formas diferentes e opostas de ser feliz, uma estóica em que a felicidade depende apenas de nós, outra des-centralizada que nasce das relações humanas. Os exageros caeirianos confirmam a necessidade de um equilíbrio entre a individualidade e a alteridade. O ser humano é capaz de ser feliz sozinho, a partir do que emana dele próprio, como os estóicos o defenderam. Todavia, e apesar de absurdo, é natural ao homem ser socializado, aliás o isolamento constitui o pior castigo e a mais triste infelicidade que a sociedade lhe pode infligir. Lembremo-nos da amargura das cartas de Cícero aquando do seu exílio de Roma, ou, hodiernamente, da solidão angustiada que se vive nas prisões.

Quando AC diz: “penso em ti, murmuro o teu nome; não sou eu: sou feliz”, confirma consubstanciação da alteridade em identidade, reconhecendo no *outro* a capacidade de mudar o *eu* e, no caso do *eu-caeiriano*, a capacidade de suscitar sentimentos desconhecidos, como o amor. E quando diz: “não sou eu”, trata-se de mais um exagero do mestre — não é que AC não seja um *ego*, mas é também um *alter* que até, agora, desconhecia, ou melhor, escondia. Ser humano é ser antagónico, diverso, complexo, como ele é exemplo.

Quando AC fala em “verdade falsa” retorna ao vazio das palavras, ao silêncio. Ao usar a antítese, baralha significados e esgota-lhes o sentido. O *nonsense* desta expressão, atribuída à visão do amor, mostra que nada é falso

ou verdadeiro, mas tudo é *outro* perspectivado. A verdade absoluta sobre a realidade constitui sempre uma crença, uma opinião, uma observação exterior, porque o sujeito não pode nem absorver e nem se consubstanciar com o objecto no acto de conhecer. Qualquer visão da realidade, quer sentimental, quer sensitiva, representa uma probabilidade de verdade, que depende de quem vê. No caso da poesia caeiriana, o amor funciona como uma *outra* maneira de ver, *outra* perspectiva do mundo. Ele descobriu o *outro* que o alterou profundamente, desconcertadamente.

A evasão da realidade herdou-a de Pessoa, desiludido com a realidade e com o amor, mal amado por Ofélia e, sobretudo, pela mãe. A personagem “triumfal” do mestre não é mais do que uma derradeira tentativa de fuga ao sofrimento. Mas, AC voltou ao início, no fim.

Talvez essa experiência amorosa não tenha passado de um exercício satírico, esticado ao extremo, para demonstrar a inutilidade do amor ou da vida social, ou talvez tenha sido um acontecimento accidental que derruba a arrogância do mestre e lhe mostra a fragilidade do ser humano – um ser que, além de nascer, viver e morrer, sonha, ama e sofre. Há, de facto, na sua poesia um sentimento trágico, em especial nos versos d’*O Pastor Amoroso*, pelo regresso catártico à realidade e pelos limites a que eleva o sofrimento. Evitou-o de todas as formas, fugiu do pensamento como de uma doença, isolou-se do mundo dos homens e restringiu-se a desejos de naturalidade. A presença do *outro*, física e emocionalmente, concretiza esse seu medo porque sofrer é próprio ao homem e é-lhe impossível escapar à sua condição humana. Conhecendo a alteridade, descobre-se a si próprio como ser humano e exhibe o seu ser profundo, sem as máscaras da aparência nos versos d’*O Guardador*: é a súplica do que é natural e do que é aprendido, é um pensador e um sensacionista, é sofrido e feliz, é sozinho e companheiro.

Enfim, não há palavras na gramática portuguesa que o definam. Qualquer adjectivação é pobre, qualquer substantivação é parca, qualquer narração é incompleta, ele é a linguagem intraduzível dos deuses, ele é a linguagem reflectida dos olhares. AC é inteiro, é o *eu* e o *outro* - o *alter ego* de Fernando Pessoa e de todos nós.



SOUSA, Ana Patrícia Silva de. “Penso em ti, murmuro o teu nome; não sou eu: sou feliz”. A study on the otherness in *O Pastor Amoroso* by Alberto Caeiro. **Revista do Gel**. São Paulo, v. 7, n. 1, p. 109-126, 2010.

**ABSTRACT:** *This paper discusses the otherness in the poetry of Fernando Pessoa’s heteronym, Alberto Caeiro, more precisely in the verses of O Pastor Amoroso. The poems describe a love episode in which the ego, before isolated, finds the alter, lives the experience of otherness and becomes an alter ego.*

**KEYWORDS:** *Otherness. Identity. Metaphysics. Poetry. Love.*

## Referências

CAEIRO, A. **Poesia**. Lisboa: Assírio e Alvim, 2001.

GARCEZ, M. H. N. **Alberto Caeiro “descobridor da Natureza?”**. Porto: Centro de Estudos Pessoaanos, 1985.

GARCIA, J. M. **Fernando Pessoa: «Coração despedaçado»** (subsídios para um estudo de afectividade na obra poética de F. Pessoa). Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1985.

GROUX, D.; PORCHER, L. **L’Altérité**. Paris: L’Harmattan, 2003.

LOURENÇO, A. A. **Identidade e alteridade em Fernando Pessoa e António Machado**: Álvaro de Campos e Juan de Mairena. Braga: Angelus Novus, 1995.

PESSOA, F. **Poemas Completos de Alberto Caeiro**. Prefácio de Ricardo Reis. Posfácio de Álvaro de Campos. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

\_\_\_\_\_. **Poesias de Álvaro de Campos**. Mem Martins: Europa-América, s.d.

SENA, J. **Fernando Pessoa & C<sup>a</sup> Heterónima**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2000.

SOUSA, A. P. S. **Influências lucrecianas na poesia de Alberto Caeiro**. 2005. 147 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Clássicos) – Universidade de Aveiro, Departamento de Línguas e Culturas, Aveiro, Portugal, 2005.

TODOROV, T. **Nous et les autres**. Paris: Seuil, 1989.

\_\_\_\_\_. **A conquista da América**. Lisboa: Litoral Edições, 1990.